

Atenção farmacêutica no uso de plantas medicinais em pacientes oncológicos: um relato de experiência

Pharmaceutical care in the use of medicinal plants in cancer patients: experience report

Atención farmacéutica en el uso de plantas medicinales en pacientes con cáncer: relato de experiencia

Sabrina Bezerra Torres¹, Iran Alves da Silva¹, Adyla Fernanda Silva da Cruz¹, Cleyton Vinicius Medeiros de Almeida¹, Edvado Cícero da Silva¹, Gleiciane Adrielli Souza Guinho¹, Gustavo Henrique da Silva¹, Lucas Filipe da Silva Almeida¹, Ellison Neves de Lima¹, Analúcia Guedes Silveira Cabral¹.

RESUMO

Objetivo: Relatar sobre o uso das Plantas Medicinais (PM) por pacientes com câncer, e com isso, demonstrar a importância da assistência do profissional farmacêutico na Atenção Primária à Saúde (APS) para garantir o uso racional desses recursos naturais. **Relato de Experiência:** Por meio da experiência foi possível observar que é importante que se tenham ações de intervenção, promovendo educação em saúde. A experiência se pautou por meio de um vídeo inclusivo e autoexplicativo, alertando sobre o uso racional de PM pelos pacientes em hormonioterapia. **Considerações finais:** O uso racional de PM deve ser preocupação da equipe multidisciplinar por estar mais próxima do paciente e de sua família, a fim de garantir a utilização racional e segura, para assim alcançar a eficácia do tratamento e a prevenção de efeitos adversos.

Palavras-chave: Assistência Integral à Saúde, Plantas Medicinais, Oncologia Integrativa.

ABSTRACT

Objective: To report on the use of Medicinal Plants (PM) by cancer patients, and thereby demonstrate the importance of pharmaceutical professional assistance in Primary Health Care (PHC) to ensure the rational use of these natural resources. **Experience Report:** Through experience, it was possible to observe that it is important to have intervention actions, promoting health education. The experience was based on an inclusive and self-explanatory video, warning about the rational use of PM by patients undergoing hormone therapy. **Final considerations:** The rational use of MP should be a concern of the multidisciplinary team, as it is closer to the patient and his family, in order to guarantee rational and safe use, thus achieving treatment efficacy and the prevention of adverse effects.

Keywords: Comprehensive Health Care, Medicinal plants, Integrative Oncology.

¹ Centro Universitário Tabosa de Almeida Brasileira (Asces-Unita), Caruaru - PE.

RESUMEN

Objetivo: Informar el uso de Plantas Medicinales (PM) por parte de pacientes con cáncer, y así demostrar la importancia de la asistencia profesional farmacéutica en la Atención Primaria de Salud (APS) para asegurar el uso racional de estos recursos naturales. **Informe de Experiencia:** A través de la experiencia se pudo observar que es importante contar con acciones de intervención, promoviendo la educación para la salud. La experiencia se basó en un vídeo inclusivo y autoexplicativo, alertando sobre el uso racional del PM por parte de pacientes en terapia hormonal. **Consideraciones finales:** El uso racional del MP debe ser una preocupación del equipo multidisciplinario, más cercano al paciente y su familia, para garantizar un uso racional y seguro, logrando así eficacia del tratamiento y prevención de efectos adversos.

Palabras clave: Atención Integral de Salud, Plantas Medicinales, Oncología Integrativa.

INTRODUÇÃO

Considera-se a utilização de Plantas Medicinais (PM) como algo histórico que a princípio inspirado no conhecimento empírico, em conjuntura com os aspectos filosóficos e culturais característicos, com capacidade de amenizar enfermidades e recuperar a saúde entre os integrantes da comunidade (PATRÍCIO KP, et al., 2022).

Segundo registros desde 60.000 anos a.C., evidentes em civilizações, como a hindu, persa, egípcia, grega e os povos da América pré-colombiana (DA ROCHA LPB, et al., 2023). Nesta perspectiva, as PM podem ser consideradas uma das formas mais antigas de práticas terapêuticas, sendo a reunião de todas essas contribuições culturais às motivadoras pelos avanços científicos atuais na área de produtos naturais (CASTRO MR, et al., 2019).

Consequentemente, atualmente pacientes oncológicos utilizam-se de PM associado para atenuar sintomas da doença ou amenizar os efeitos adversos associados à medicação visto que a hormonioterapia é um tratamento que se vale de uma interferência na produção dos hormônios ou no efeito destes sobre as células tumorais como o tamoxifeno, que apresenta efeito antagônico ao estrogênio, e ocasiona inúmeros efeitos colaterais (DA SILVA IA, et al., 2022).

Isso porque, os fármacos utilizados no tratamento têm margens terapêuticas estreitas, facilmente conduzindo a toxicidade ou concentrações subterapêuticas, podendo levar a ineficácia da terapia medicamentosa (DA SILVA GGS, et al., 2020).

Vale ressaltar, que no Brasil tem-se a aparição de 704 mil novos casos de câncer em cada ano entre 2023-2025, qual se trata de uma totalidade de mais de 100 doenças que têm em comum o crescimento desequilibrado de células que apoderam-se de tecidos e órgãos, com potencial de espalhar-se para outras regiões do corpo (SANTOS MO, et al., 2023).

Para evitar-se o uso irracional de PM, foi implantada a Política Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos (PNPMF), de 2006 e o Programa Nacional de Plantas Medicinais e Fitoterápicos, de 2008, criadas com objetivo de garantir o acesso seguro e a utilização racional de PM e fitoterápicos (DA SILVA GJM, 2021). Levando em consideração a adequada identificação da espécie, de sua origem, sua formulação e a dose segura para cada finalidade terapêutica, para isso, o acompanhamento farmacêutico se torna indispensável na Atenção Primária à Saúde (APS) para poder assegurar-se do uso racional de PM e fitoterápicos (ROCHA AO, 2022).

Com isso, se torna imprescindível o fornecimento de informações cientificamente embasadas pelos profissionais de saúde, proporcionando um contato de educação em saúde o mais próximo possível do paciente (DA ROCHA LPB, et al., 2023).

Portanto, o seguinte estudo teve como finalidade relatar as experiências vivenciadas por estudantes do curso bacharelado em farmácia em um centro oncológico com a assistência farmacêutica regida na APS.

RELATO DE EXPERIÊNCIA

Em um primeiro momento, esse estudo foi pensado segundo uma conversa sobre nossos objetivos extracurriculares, como a pretensão para uma observação em campo e para ampliar nossa visão além do conteúdo das aulas, visto que já tínhamos em comum a afinidade por conteúdos referentes ao uso de PM e fitoterápicos, já apresentados em eventos da própria instituição.

Nesse sentido, já tínhamos conhecimento sobre a temática e o desejou-se seguir com a construção de uma observação vinculando-se um público especializado, que seriam os pacientes em tratamento contra o câncer em uso de hormonioterapia.

Uma vez que nossa matriz curricular disponibiliza apenas de uma disciplina com relação à oncologia (Farmácia oncológica e cuidados farmacêuticos), sentíamos a necessidade de estender nosso conhecimento profissional quanto a estes pacientes, visto que, o câncer é uma questão de saúde pública no mundo, figurando como uma das principais causas de morte e, como consequência, uma das principais barreiras para o aumento da expectativa de vida.

Desse modo, víamos um rumo de uma produtiva vivência em campo, o desafio agora seria encontrar um local para observarmos essa realidade a partir disso, utilizamos uma logística de proximidade física à instituição, o que seria economicamente mais viável para podermos nos locomover até o local. Sendo assim, o primeiro contato com os pacientes acontecia nos turnos da manhã e/ou tarde em dias alternados da semana, visto que os dias com maior fluxo de vinda desses pacientes para atendimento de consultas e em busca dos medicamentos eram nas terças-feiras e quintas-feiras, e sempre no início do mês tínhamos um número maior de pacientes; neste primeiro contato realizávamos conversas que duravam em torno de 15 minutos a 20 minutos, a depender de cada entrevistado.

Neste momento, havia desses que faziam uma oportunidade de “fala” de suas histórias de vida, devido às situações de carência, ansiedade, medo e angústia, portanto, era um instante de escuta humanizada de suas particularidades e relação com a doença. Aponta-se que de acordo com as observações, a maioria dos participantes era idosos com câncer que não tinham a oportunidade de discutir sobre suas preferências e valores, com perda da autonomia e protagonismo nas decisões e planejamento dos cuidados de saúde frente ao tratamento.

Consideramos o tipo de câncer e quais medicamentos em hormonioterapia fazia ou fez uso, e se utiliza algum outro medicamento para tratamento de determinada doença além do câncer. Ademais, se o paciente recorria a PM ou fitoterápicos, citando a posologia e qual frequência de uso. Vale ressaltar que, surpreendentemente em primeiro momento, os pacientes não conheciam o termo PM, só associavam a este termo quando falávamos em “chá”. Ainda mais, o pensamento popular de que as PM são sinônimos apenas de produtos seguros eram prevalentes em suas falas, e a pretensão pelas PM era relatado por eles devido a fácil aquisição e o baixo custo, porque é a forma de medicina mais antiga passada pelos seus familiares.

Além disso, desde o início ainda no planejamento da nossa experiência o contexto de humanização sempre foi a maior pretensão em meio ao objetivo do estudo e no desenvolver ela ficou muito mais próxima quando passamos a ter um vínculo com maior contato com os pacientes e seus familiares. Assim, muitos deles passaram a nos seguir em redes sociais e contar sobre a recuperação do paciente, ou até mesmo, infelizmente, relatar a perda do ente querido, o qual tivemos contato.

Após a finalização dos momentos da vivência, foi desenvolvido um curto vídeo educativo por meio de aplicativos gratuitos, o qual chamava à atenção para o cuidado com relação ao uso das PM e à associação com outros medicamentos, enfatizando prováveis interações e toxicidade presentes nas PM, além, de explicar os corretos modos de preparo para cada parte que compõe a planta.

Esse material foi levado ao encontro do paciente, por meio do retorno ao Centro oncológico, onde o conteúdo explicativo foi vinculado a um panfleto em uma arte elaborada com QR code em destaque. Posteriormente, os pacientes direcionavam a câmera do seu celular para o QR code, e tiveram acesso rápido e fácil a mensagem de uma forma verbal e ilustrativa, sendo muito importante, já que quando o idoso não

sabia ler, não existia barreira para alertá-lo sobre a utilização das PM. Assim sendo, o desejo era conscientizar os pacientes sobre o uso racional de uma maneira simples e usando a tecnologia a favor da disseminação do conhecimento científico e inclusão social daqueles que ficam a margem da sociedade por não serem alfabetizados.

Ademais, após a visualização do vídeo por eles, sempre havia a gratidão já que eles nem mesmo mensurava que por trás do conceito da utilização de produtos naturais existia alguma probabilidade de eventos indesejáveis, já que desde a infância a medicina popular esteve normalmente associada a superação de cura de suas enfermidades.

Desse modo, com todo este *feedback* resposta positiva, deixamos, com a farmacêutica do local, onde ocorre a dispensação dos medicamentos, outros panfletos para que o conhecimento científico pudesse chegar a outros pacientes, para evitar efeitos indesejados aos pacientes ou mesmo a inefetividade da hormonioterapia.

DISCUSSÃO

Segundo o estudo de Viana AA e Flores AMN (2023), destaca-se a escuta ativa como uma habilidade de alto nível que permite uma comunicação mais efetiva e defende que está baseada num direcionamento de atenção plena ao que o falante está dizendo, escutando cuidadosamente, ao mesmo tempo, em que não interrompe seu interlocutor e demonstra total interesse valorizando as relações profissional-paciente.

Assim, torna-se fundamental a compreensão dos profissionais e estudantes da área da saúde sobre a política Nacional de Humanização da Gestão e da Atenção (PNH), a qual visa a contribuição para a melhoria da qualidade da atenção e da gestão com o fortalecimento da humanização (JUNIOR OCF, 2022).

A partir disso, associamos esses resultados aos dados de pesquisas que no Brasil, o Sistema Único de Saúde (SUS) por meio de seus princípios e diretrizes norteadores, compreende a fitoterapia como método terapêutico integrativo e complementar à saúde e utiliza de políticas públicas e normatizações específicas qual procura regularizar o uso racional de produtos naturais (DA SILVA, LWS e PAMPONET LS, 2022; FERREIRA AA e DE VASCONCELOS TCL, 2022; DA ROCHA LPB, et al., 2023).

Neste direcionamento é significativamente importante a conduta de profissionais de saúde em suas práticas prescritivas de fitoterápicos no contexto do Programa Saúde da Família (DA SILVA GJM, 2021). Os relatos em seus achados evidenciaram o emprego das PM como coadjuvantes à alopatia no tratamento do câncer, cujo entendimento se assentou na compreensão cultural e valorização de suas práticas de cuidados domiciliares sem nenhuma aproximação ou preocupação científica, causando uma série de efeitos indesejados aos pacientes oncológicos (DA SILVA LWS e PAMPONET LS, 2022).

Em vista disso, uma probabilidade de expansão institucionalizada e segura da utilização de PM na APS é o programa Farmácia Viva, que visa a assistência farmacêutica com objetivo de preparar, prescrever e dispensar fitoterápicos no âmbito da saúde pública. Esse programa também tem como objetivo a disseminação de orientação sobre o uso de PM, proporcionando a eficiência e segurança direcionando a locais responsáveis pela distribuição de PM com certificação botânica (BARBERATO LC, et al., 2019).

Nesse contexto, o desenvolvimento da Farmácias Viva na APS, acaba possibilitando lidar com conhecimentos e usos populares das PM, relacionando as evidências científicas, assim como elaborar medicamentos fitoterápicos seguros para utilização pela comunidade, levando em consideração os possíveis efeitos colaterais e contraindicações de cada medicamento fitoterápico (CASTRO MR e FIGUEIREDO FF, 2019).

Sendo assim, a educação em saúde foi a ferramenta norteadora deste estudo, sendo potencial a produção de um conhecimento-ação. Tratando-se de enveredar no processo de conhecer os saberes do outro, dialogando com ele e ampliando o senso crítico construtivo às práticas de saúde (DA SILVA LWS e PAMPONET LS, 2022).

Por conseguinte, se torna importante o desenvolvimento de ações educativas, que favoreçam a construção de conhecimentos para a população, a partir do estabelecimento de relações entre senso comum e conhecimento científico, e como esse conhecimento costuma ser obtido, com maior frequência pela tradição oral, ou seja, de forma empírica, há necessidade de que os profissionais de saúde estejam aptos a informar e atender aos usuários, respaldando-se em bases científicas (DO CARMO EO e DA SILVA VAS, 2023).

Pois, a ação dialógica -saberes popular e saberes científicos -medeia o processo de retroalimentação aos cuidados em saúde. Por educação em saúde, compreende-se uma abordagem que vai além da transmissão de informações e integra saberes, costumes, valores e símbolos sociais de modo a gerar comportamentos e praticassem saúde mais exitosos (TONIN J, et al., 2022).

Apesar disso, o uso irracional de PM contraria as recomendações da PNPMF que discorre sobre as características para a utilização benéfica dessa terapêutica seguindo a prescrição adequada, recorrendo às doses indicadas, atentando-se para o intervalo e associações de uso, bem como o preparo e identificação consciente (FERREIRA GW, et al., 2022).

Precisa-se divulgar e desmistificar o conceito de inocuidade de que “natural não faz mal”, educando, principalmente os profissionais de saúde, a população mais antiga e adeptos ao uso destes produtos, assim como, àqueles que confiam cegamente sem considerar o perigo dessas plantas para a saúde (FERREIRA AA e DE VASCONCELOS TCL, 2022).

Logo, para que essa prática seja exercida de forma segura, faz-se necessário a adequada orientação, a fim de garantir o correto uso, de forma que se previnam intoxicações e a perda da efetividade dos princípios ativos encontrados nas plantas e na associação com outros medicamentos (DA SILVA GGS, et al., 2020).

Os profissionais ligados com as atividades envolvendo a orientação do uso da fitoterapia e a pesquisa com PM, quanto com a formulação de novas moléculas bioativas, sejam estes farmacêuticos, pesquisadores e profissionais da equipe multidisciplinar da saúde no geral, devem demonstrar preocupação quanto o uso racional e seguro destas drogas, para assim alcançar a eficácia e prevenção de efeitos adversos como a exemplo a combinação com outros medicamentos (BARBOSA AS, et al., 2023; COSTA DG, et al., 2022).

Portanto, a partir do relato de experiência, pode-se evidenciar a importância da assistência farmacêutica com relação ao uso racional das PM por pacientes com câncer em hormonioterapia, que consiste no uso de substâncias similares a hormônios, ou inibidoras deles, que buscam impedir o crescimento do tumor, um tratamento de longa duração e com efeitos adversos importantes, o que implica em dificuldade de adesão e persistência no tratamento.

Para isso, os pacientes fazem uso das PM para amenizar os efeitos indesejados e por se sentir encorajados por acreditar ser natural, inerentemente e seguros, isso influenciado culturalmente na difusão por informações errôneas sobre a expressão: “não faz mal para a saúde porque é 100% natural”, ignorando as possíveis interações medicamentosas e o comprometimento do tratamento.

Neste caso na Atenção Primária à Saúde a orientação em farmacoterapia é indispensável para evitar-se episódio indesejados baseados no conhecimento cultural sem qualquer cunho científico, na rede especializada. Espera-se que esse trabalho possa despertar uma reflexão, mas também a discussão acerca da importância do farmacêutico na APS.

REFERÊNCIAS

1. BARBERATO LC, et al. O farmacêutico na atenção primária no Brasil: uma inserção em construção. *Ciência & saúde coletiva*, 2019; 24: 3717-3726.
2. BARBOSA AS, et al. Uso de plantas medicinais nativas do cerrado pela população idosa da região oeste do estado da Bahia: Um estudo etnofarmacobotânico. *Revista Eletrônica Acervo Saúde*, 2023; 23(4): e13062.

3. COSTA DG, et al. Prevenção e detecção do câncer de mama. Revista de trabalhos acadêmicos–universo Belo Horizonte, 2022; 1(7).
4. CASTRO MR e FIGUEIREDO FF. Saberes tradicionais, biodiversidade, práticas integrativas e complementares: o uso de plantas medicinais no SUS. Hygeia: Revista Brasileira de Geografia Médica e da Saúde, 2019; 15(31): 56-70.
5. DA SILVA IA, et al. Uso de plantas medicinais por mulheres em hormonioterapia no agreste pernambucano. Europub Journal of Health Research, 2022; 3(4): 340-355.
6. DA SILVA GJM. Política nacional de plantas medicinais e fitoterápicos no sus e sua implementação por meio das farmácias vivas. Dissertação (Mestrado em Saúde e Desenvolvimento na Região CentroOeste) - Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Campina, 2021; 102 p.
7. DA SILVA GGS, et al. Importância do farmacêutico clínico na diminuição das interações medicamentosas ao paciente oncológico na unidade de terapia intensiva. Brazilian Journal of Health Review, 2020; 3(5): 15542–15556
8. DA SILVA LWS e PAMPONET LS. Saberes populares no uso de plantas medicinais: tradição de valor familiar na convergência aos saberes científicos. REVISE-Revista Integrativa em Inovações Tecnológicas nas Ciências da Saúde, 2022; 9: 325-351.
9. DO CARMO EO; DA SILVA VAS. Educação e saúde: uma proposta de implantação da farmácia viva nas escolas públicas. Revista Brasileira de Ensino e Aprendizagem, 2023; 5: 99-106.
10. FERREIRA AA e DE VASCONCELOS TCL. O uso irracional de plantas medicinais: uma revisão integrativa. Research, Society and Development, 2022; 11(8): e59711831295-e59711831295.
11. FERREIRA GW. O uso de plantas nas curas populares: saberes e educação. Dissertação (Mestrado em Educação) – Faculdade de Educação, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2022; 132 p.
12. JUNIOR OCF. Humanizar as relações humanas no SUS: uma análise da Política Nacional de Humanização a partir do Materialismo Histórico e Dialético. 2022.
13. PATRÍCIO KP, et al. O uso de plantas medicinais na atenção primária à saúde: revisão integrativa. Ciência & Saúde Coletiva, 2022; 27: 677-686.
14. ROCHA AO. Uma análise sobre o processo de construção da Política Nacional de Práticas Integrativas e Complementares no SUS e o princípio da Integralidade. Dissertação (Mestrado em Patrimônio Cultural, Paisagens e Cidadania) - Universidade Federal de Viçosa, Viçosa. 2022; 138 p.
15. SANTOS MO, et al. Estimativa de Incidência de Câncer no Brasil, 2023-2025. Revista Brasileira em Cancerologia, 2023; 69(1): e-213700.
16. TONIN J, et al. Práticas integrativas e complementares em saúde para pensar uma comunicação sensível. Comunicação & Informação, 2022; 25: 314–333.
17. VIANA AA e FLORES AMN. Política nacional de humanização do SUS: importância e implementação em unidade de nefrologia. Revista Pub saúde, 2023; 13: a433.